

Convergência Jornalístico-Literária: a contribuição de Clarice Lispector como entrevistadora nos anos 1970¹

Paolla Gilson Mello Affonso de Souza LIMA²

Rogério Martins de SOUZA³

Centro Universitário de Volta Redonda, Volta Redonda, RJ

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar os resultados da análise das entrevistas realizadas por Clarice Lispector para a revista Fatos e Fotos/Gente no final dos anos 1970 a fim de compreender como se deu sua contribuição para a prática jornalística. Com base nos dados obtidos na pesquisa, foi constatado que a escritora procurava seguir a linha editorial do veículo, mas sem abdicar de seu jeito próprio (mais subjetivo) para o desenvolvimento das entrevistas. Sua produção nessa área ilustra a convergência existente entre a narrativa jornalística e a linguagem literária.

PALAVRAS-CHAVE: Clarice Lispector; jornalismo; entrevista; subjetividade; literatura

1. INTRODUÇÃO

Nascida em 1920 na Ucrânia e naturalizada no Brasil, Clarice Lispector é considerada um dos maiores nomes da literatura brasileira do século XX. Ela também faz parte do grande grupo de escritores consagrados que atuaram na imprensa simultaneamente à sua produção ficcional e contribuíram de alguma forma para a expansão da narrativa e das técnicas jornalísticas.

Como jornalista, a escritora realizou diversas produções, como crônicas, colunas femininas, reportagens e entrevistas. Este último gênero jornalístico foi o objeto de estudo da pesquisa apresentada neste artigo. Durante o período de dezembro de 1976 até outubro de 1977, Clarice trabalhou para a revista Fatos e Fotos/Gente como entrevistadora. Seus trabalhos jornalísticos, de forma geral, chamam a atenção pela

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 22 a 24 de junho de 2017.

² Recém Graduada no Curso Jornalismo do Centro Universitário de Volta Redonda, email: paollagilson25@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Doutor em Comunicação e Cultura e Professor do Curso de Jornalismo e Publicidade e Propaganda do Centro Universitário de Volta Redonda, email: rogeriomartins37@gmail.com

presença de um forte viés subjetivo na linguagem utilizada para a construção dos textos e suas entrevistas são marcadas por tomarem a forma de diálogos, apresentando, muitas vezes, as impressões pessoais da ficcionista quando eram redigidos.

Tendo em vista um contexto marcado pela existência de um modelo de jornalismo industrial (padronizado), este artigo se propõe a compreender de que maneira a narrativa e condução das entrevistas de Clarice Lispector, já consagrada no campo da literatura, eram desenvolvidas enquanto ela trabalhava para um grande órgão de imprensa e precisava seguir a linha editorial do veículo. Além disso, ainda foi possível entender a importância de sua contribuição para ampliar as possibilidades do fazer jornalístico.

Esta pesquisa possuiu cunho qualitativo e caráter exploratório. Os dados que serão apresentados aqui foram obtidos após uma análise que foi executada por meio de um levantamento bibliográfico utilizando como fonte primária algumas entrevistas realizadas pela escritora para a Fatos e Fotos/Gente. Também foram explorados livros e artigos científicos que ofereceram embasamento teórico sobre o perfil de Clarice como jornalista, sobre o contexto da imprensa brasileira durante o período em que a romancista atuou na área e sobre as relações entre o jornalismo e a literatura.

2. JORNALISMO E LITERATURA: DIVERGÊNCIAS E CONVERGÊNCIAS

Enquanto o gênero jornalístico tem como um de seus fundamentos básicos a objetividade e imparcialidade na postura do profissional em relação aos fatos, o literário, sendo ficção, possui convenções menos rígidas e constitui-se como um discurso mais “livre”. O jornalismo tem como matéria-prima a notícia, portanto a neutralidade é um recurso necessário no estilo de escrita a serviço de um objetivo. A literatura possui sua linguagem pensada como um mecanismo para a produção de emoções.

De acordo com Bulhões (2007), o jornalismo teria como função ser “uma espécie de testemunho do real” e sua natureza está na apuração dos acontecimentos e desenvolvimento de uma comunicação de forma isenta e direta através da linguagem. Portanto, “para a atividade jornalística prevalece a noção de que a linguagem é meio, é médium, não fim” (BULHÕES, 2007, p. 11 e 12).

Por outro lado, a literatura possui a própria linguagem verbal como fim, ou seja, matéria-prima de sua construção. Para comunicar algum conteúdo e atingir uma realização literária, é necessário que o verbal esteja “transmudado, recriado, destituído de uma função cotidiana e costumeira. Com isso, vem a constatação de que a razão de ser da literatura não é exatamente a comunicação” (Idem, 2007, p. 12).

Um dos aspectos essenciais pertencentes à dinâmica jornalística que não é válido para a literatura é a noção temporal de contemporaneidade e instantaneidade. Afinal, uma obra literária concretiza sua existência no momento em que sua leitura é realizada, independente da época em que foi escrita. Esta característica atemporal é inerente ao gênero literário, pois o componente ficcional é um dos principais prismas da literatura.

Em contrapartida, o jornalismo se apropria da veracidade factual no exercício de sua expressão e consolida uma identidade oposta à do discurso literário, como ressalta Bulhões (2007).

[...] a trajetória do jornalismo parece desenhar um movimento em sentido oposto ao da literatura. O percurso de suas transformações indica claramente o esforço de firmar um compromisso inequívoco com a factualidade [sic]. Se a literatura habita o espaço permissivo da ficcionalidade, o jornalismo parece ter diante de si o horizonte prescritivo daquilo que é razoável, crível ou admissível, a partir do qual deverá recolher o factual consumado, efetivado, a ser transformado em informação. (BULHÕES, 2007, p. 25 - 26)

Entretanto, apesar das diferenças presentes entre estas duas áreas, também existem semelhanças naturais e, além disso, elas podem convergir de maneira que se complementem a serviço de determinada finalidade. Esta confluência pode ser observada em diversos casos, como, por exemplo, nos folhetins e em romances que relatam uma determinada realidade social.

Um ponto fundamental da convergência entre os dois segmentos é a chamada narratividade, isto é, o desenvolvimento de textos narrativos que abordam uma sequência de acontecimentos que se seguem no tempo. Este fenômeno é comum tanto no jornalismo como na literatura, ainda que se apresente de maneiras diferentes em cada um. Além disso, vale também lembrar que “a narratividade está intimamente vinculada à necessidade humana de conhecimento e revelação do mundo ou da realidade” (BULHÕES, 2007, p.40), que é um atributo inerente a ambos os campos.

Os recursos textuais existentes na linguagem literária (como as figuras de linguagem, por exemplo) podem ser utilizados como um mecanismo de recuperação da qualidade do texto jornalístico, especialmente no cenário atual, em que a presença e o

desenvolvimento constante da tecnologia exigem cada vez mais rapidez e objetividade na transmissão de informações. Desta forma, o padrão de uma redação jornalística eficaz fica comprometido.

Segundo Piza (2002), é importante que o jornalista se aproprie destes artifícios linguísticos mais empregados no discurso literário para a construção de uma narrativa jornalística completa, interessante e atrativa, que atenda às exigências do leitor por textos bem elaborados.

É preciso perder o medo de usar palavras óbvias, fugir ao lugar-comum, costurar melhor descrições e argumentos, acrescentar pitadas de humor, ironia e até mudanças de andamento. É preciso diversificar os gêneros. E também, com a demanda crescente do leitor por análises que ponham os dados em perspectiva e desafiem o marasmo vigente, é preciso revitalizar a crítica, filha pragmática do ensaísmo, tirando-a do achismo e do parasitismo (PIZA, 2002, p. 137 in CASTRO; GALENO (Org.), 2002).

Para o autor, é necessário que tanto o jornalismo como a literatura estabeleçam uma convergência mútua entre suas narrativas e características próprias de forma que ambos se completem e favoreçam seus discursos.

Se a literatura deve perder o medo da realidade, de interpretar a sociedade brasileira em sua complexidade e drama, o jornalismo deve perder a submissão ao que considera ser realidade, a submissão às versões oficiais e ideológicas sobre os fatos, para conseguir ir além deles. O resultado, a língua agradece (PIZA, 2002, p. 137 in CASTRO; GALENO (Org), 2002).

Desta forma, torna-se possível o estabelecimento de uma confluência equilibrada entre estes meios. Esta troca possibilita o desenvolvimento de um modelo de escrita íntegro e eficiente, capaz de satisfazer as reivindicações do público-alvo de acordo com os objetivos e pretensões de cada área. Estabelece-se assim, uma ligação que favorece ainda o desenvolvimento de uma imprensa mais completa, alternativa e original, que transmite a notícia de maneira interessante.

3. ENTREVISTA COMO GÊNERO JORNALÍSTICO: O DIÁLOGO POSSÍVEL

Alguns dos critérios básicos para a elaboração de uma entrevista presentes na maior parte dos manuais de redação dos veículos tratam sobre a preparação de um bom roteiro, sobre a necessidade de reunir a maior quantidade possível de informações a

respeito do entrevistado ou do assunto que o envolve, compreender o objetivo a que se pretende chegar e registrar previamente algumas perguntas específicas. Todas essas recomendações são válidas. Entretanto, o jornalista não deve limitar a entrevista a elas e ignorar possibilidades de ampliação de sua abordagem.

De acordo com Medina (2008), a entrevista como um gênero jornalístico pode ser inicialmente entendida apenas como um tipo de técnica utilizada para a obtenção de informações a partir de um roteiro pré-estabelecido com respostas esperadas. Entretanto, a autora logo afirma que esse procedimento não desenvolve a comunicação humana em vista da mecanização da interação entre entrevistador e entrevistado.

Nesse sentido, Medina (2008) propõe a realização da entrevista com base na prática do diálogo como a melhor alternativa para se alcançar um nível de comunicação verdadeira. Ela pode ser encarada como um recurso válido para a aquisição de conteúdo informativo, porém não deve ser conduzida conforme critérios e artifícios que limitem o estabelecimento natural de uma relação de troca entre as partes envolvidas.

A utilização da entrevista como instrumento jornalístico possui diversos benefícios. Ela propicia maior maleabilidade nas perguntas, discernimento em relação à legitimidade das respostas, possibilidade de conhecer peculiaridades do entrevistado e oferecer a ele mais tempo para se expressar, além de uma adaptação em termos de linguagem, conteúdo e tipo de abordagem de acordo com o perfil de cada um. Mas para que tudo isso ocorra, é fundamental que exista uma relação de confiança desenvolvida entre entrevistador e interlocutor, segundo Travancas (2012).

3.1 O SURGIMENTO DO FORMATO DE ENTREVISTA PARA REVISTA

A propagação das entrevistas com formato para revista ocorreu em razão do surgimento do estilo denominado magazine, uma extensão do jornal diário. Conforme explica Muhlhaus (apud LONGUINHO, 2014), nos Estados Unidos, após a Segunda Guerra Mundial, as revistas começaram a retratar uma concepção discursiva caracterizada pela adequação aos moldes de uma sociedade marcada por um mercado de massa. “E é por exercer esta representatividade que a revista reserva um espaço importante às entrevistas, modelo no qual circulam com mais desenvoltura os temas de natureza humana...” (MUHLHAUS apud LONGUINHO, 2014, p.26).

Neste mesmo período, a imprensa brasileira passava por uma forte influência do jornalismo americano. A instauração do modelo da pirâmide invertida junto ao lead na

construção dos textos noticiosos, reforçada ainda pela presença dos manuais de redação e dos copidesques, criou um padrão para a maioria das narrativas informativas, incluindo a entrevista. Foi nesse contexto que “o gênero magazine chega fazendo moda e passa a conceder à entrevista a importância que ela possui hoje” (Idem).

Desta forma, junto a esse modelo magazine, a entrevista se popularizou cada vez mais dentro das revistas e adquiriu um papel de destaque nesses veículos. E foi exatamente nesse formato que Clarice Lispector atuou como entrevistadora na maior parte de seus trabalhos nesse segmento jornalístico, inicialmente na década de 1940 para a revista *Vamos Ler!* e para alguns jornais realizando reportagens e posteriormente para mais dois periódicos da Editora Bloch.

4. O PERFIL DE CLARICE LISPECTOR COMO ENTREVISTADORA

A primeira entrevista realizada por Clarice Lispector foi em 1940, com o poeta Tasso da Silveira para a revista de circulação nacional *Vamos Lêr!*. Nessa época ela não era uma escritora reconhecida e ainda era estreante no jornalismo, porém “o modo de entrevistar, de escrever o texto da entrevista e de questionar o interlocutor são os mesmos da Clarice jornalista décadas depois para as revistas da Bloch editores” (NUNES apud BRASIL, 2012).

A matéria na qual estava presente essa entrevista foi publicada em primeira pessoa com um breve texto de apresentação onde a romancista expôs particularidades sobre o entrevistado a partir de suas próprias impressões. Durante o diálogo, Clarice procura se aproximar do interlocutor oferecendo em cada pergunta uma abertura para a abordagem de temas mais subjetivos e reflexivos.

Para mim, entrevistar Tasso da Silveira era continuar uma daquelas palestras tão profundas, nas quais eu assistia atenta o poeta resolver os grandes problemas do pensamento. Quando, na redação do Pan, sua mesa não estava muito atulhada de papéis e seu cigarro não queimava rápido demais, eu puxava uma cadeira e, assim como quem nada quer, dizia uma palavra, uma simples palavrinha. E em breve discutíamos a gênese do mundo, a significação da arte, a explicação do tempo e da eternidade... Eram problemas para mim, certas para ele (LISPECTOR apud NUNES, 2006, p.48).

Essa estrutura peculiar de descrição e elaboração das entrevistas foi mantida por Clarice ao longo de toda a sua trajetória de atuação no gênero. A maioria de suas produções apresentava um caráter subjetivo, porém ela também prezava o equilíbrio.

Por razão de sua postura bastante profissional, a escritora procurava aprender e realizar seus trabalhos de acordo com as regras pré-estabelecidas do jornalismo, mas fazia adaptações para conservar seu estilo único (Idem).

Dividindo-se entre sua produção literária e outras atividades na imprensa, Clarice só retorna ao papel de entrevistadora anos mais tarde, já consagrada como escritora e cronista. Em maio de 1968 ela inicia o desenvolvimento da série de entrevistas intitulada “Diálogos possíveis com Clarice Lispector” para a revista *Manchete* como uma alternativa para continuar complementando seu orçamento doméstico.

Até outubro de 1969, a autora estruturou diálogos únicos com personalidades de diferentes áreas. Ela buscava constantemente revelar particularidades sobre cada entrevistado e, em determinados momentos, acabava contando muito mais sobre si mesma. De acordo com a romancista, era preciso se expor para conquistar a confiança dos interlocutores a ponto de eles próprios também se exporem. Nesse sentido, suas entrevistas constituíam-se como uma via de mão dupla, nas quais havia a troca e a dinâmica de uma conversa, como descreve Nunes (2012).

Posteriormente, em 1975, Lispector decide publicar no volume intitulado “De corpo inteiro” um conjunto de algumas das principais entrevistas que foram feitas para a *Manchete*, selecionadas por ela. Na ocasião, a ficcionista fala sobre sua postura na condução dos diálogos para o periódico e ressalta a característica atrativa dessas conversas (a obtenção e exibição de informações inéditas sobre cada interlocutor) em resposta à pergunta da jornalista Isa Cambará (da revista *Veja*) em relação ao motivo para o lançamento do livro.

Eu me expus nessas entrevistas e consegui assim captar a confiança dos meus entrevistados a ponto de eles próprios se exporem. As entrevistas são interessantes porque revelam o inesperado das personalidades entrevistadas. Há muita conversa e não as clássicas perguntas e respostas (LISPECTOR apud WILLIAMS, 2007, p. 10).

Segundo Medina (2008), esse tipo de condução e abordagem que transformam a entrevista num diálogo fazem com que esta alcance o nível natural da comunicação humana e ultrapasse os padrões previamente determinados que podem levar à mecanização se seguidos de maneira muito restrita. Além disso, a autora também ressalta a eficácia desse modelo de conversa em relação ao interesse do público, que se sente mais atraído pela troca de informações.

Um leitor, ouvinte ou telespectador sente quando determinada entrevista passa emoção, autenticidade, no discurso enunciado tanto pelo entrevistado quanto no encaminhamento das perguntas pelo entrevistador. (...) A audiência recebe os impulsos do entrevistado, que passam pela motivação desencadeada pelo entrevistador, e vai se humanizar, generalizar no grande rio da comunicação anônima. Isto, se a entrevista se aproximou do diálogo interativo. (...) Quando ocorre uma entrevista dirigida por um questionário estanque ou motivada por um entrevistador também fixado em suas ideias preestabelecidas (em geral, coincidentes com o questionário) ou no autoritarismo impositivo, o resultado frustra o receptor (MEDINA, 2008, p.5 e 6).

Nesse sentido, as entrevistas feitas por Clarice conseguiam envolver um conjunto diverso de leitores. Além desse formato dialógico característico de seus trabalhos no gênero, a jornalista também fazia constantemente perguntas subjetivas e inesperadas (opostas ao padrão jornalístico de imparcialidade), que muitas vezes surpreendiam os entrevistados e os deixavam sem saber direito o que responder.

Havia três questões que a escritora elegia como habituais, conforme pode ser observado no trecho em que ela as introduz e direciona ao amigo e músico Tom Jobim numa entrevista elaborada para a *Manchete* em setembro de 1968: “– Vou agora lhe fazer as minhas três perguntas clássicas. Qual é a coisa mais importante do mundo? Qual é a coisa mais importante para a pessoa como indivíduo? E o que é o amor?” (LISPECTOR apud WILLIAMS, 2007, p. 116).

Alguns anos depois, já no final da década de 1970, Clarice retoma a atividade e dá início a elaboração de outra sequência de entrevistas para a revista *Fatos e Fotos/Gente* em outubro de 1976. Esse foi o último trabalho da romancista na imprensa, concluído em outubro de 1977, dois meses antes de sua morte. Sua produção nesse período é considerada única no sentido de revelar as características peculiares do perfil de Clarice como entrevistadora e de sua narrativa singular dentro do gênero. Dentre as diversas conversas conduzidas pela jornalista, serão destacadas neste artigo as desenvolvidas com o ator e diretor Jece Valadão, com o poeta Vinícius de Moraes e com a artista plástica Flora Morgan Snell.

5. ANÁLISE DAS PRINCIPAIS ENTREVISTAS DE CLARICE LISPECTOR PARA A REVISTA FATOS E FOTOS/GENTE

Dentre as 27 entrevistas realizadas pela jornalista para a revista *Fatos e Fotos/Gente*, podemos analisar aqui algumas que se destacam por retratar as variadas nuances do perfil e das abordagens de Clarice nesse gênero. Os entrevistados eram

escolhidos de acordo com a sua relevância no cenário político, musical, artístico, literário, científico e principalmente televisivo. Muitos deles, a romancista já conhecia em vista de sua presença na mídia pela posição consagrada como escritora. A seguir, será apresentada a análise de algumas dessas entrevistas.

A primeira a ser analisada foi elaborada com o ator e diretor Jece Valadão em abril de 1977. Nela, é possível perceber certo confronto por parte da jornalista em relação ao entrevistado. Os comentários empregados entre parênteses junto a algumas respostas demonstram a perspicácia da ficcionista, que parecia querer expor ao leitor uma personalidade contraditória.

– Você é dado a fossas? E como sai delas?

– Nunca entro em fossas, sempre dou a volta por cima. Por isso não conheço nenhuma fórmula de sair delas.

(Pensei: mas “dar a volta por cima” não é exatamente um bom meio de sair delas?) (LISPECTOR apud WILLIAMS, 2007, p. 158).

Em outros fragmentos da entrevista, Clarice insere seus pensamentos acerca de seus dilemas pessoais ligados a dúvidas e incertezas sobre sua individualidade. A autora faz um questionamento a si mesma, sobre o que seria seu “oxigênio”, a partir da fala do interlocutor. Essa divagação é transcrita no texto, como se ela quisesse fazer uma “pausa” e até estimular os leitores a realizarem a mesma reflexão.

– E hoje, o que significa o cinema para você?

– Hoje, para mim, cinema é oxigênio, sem o qual não consigo respirar.

(Qual é o meu oxigênio? – pergunto-me eu e a resposta é um silêncio desolador.) (LISPECTOR apud WILLIAMS, 2007, p. 157).

Essa postura exemplifica uma das características peculiares da entrevistadora ressaltadas por Nunes (2012) e revelada pela própria Clarice: O fato de que, para ela, era necessário se expor para conseguir conquistar a confiança dos entrevistados para que eles também fizessem o mesmo. Nesse sentido, em suas entrevistas o leitor toma conhecimento de particularidades do interlocutor e da escritora.

A segunda entrevista selecionada para este artigo foi a conversa com o compositor Vinicius de Moraes, em setembro de 1977. Nela, a ficcionista assume um tratamento mais simpático e também introspectivo. Ela faz constantemente perguntas

sobre assuntos íntimos e profundos, que exigem até mesmo certa reflexão. Essa abordagem pode ser observada em diversos momentos ao longo de toda a interação, como no fragmento a seguir.

– Como pessoa, Vinicius, o que é que desejaria alcançar?

– Eu desejaria alcançar outra coisa. Isso de calma no seio da paixão. Mas desejaria alcançar uma tal capacidade de amar que me pudesse fazer útil aos meus semelhantes. (LISPECTOR apud WILLIAMS, 2007, p. 108).

É interessante ressaltar ainda o fato de que algumas dessas indagações de caráter profundo e meditativo eram, às vezes, consideradas por Lispector como perguntas muito simples e até mesmo banais. A autora, ao transmitir essa concepção para o entrevistado, acaba criando uma impressão de naturalidade diante da questão e isso faz com que ela consiga obter informações inéditas de cada um.

– Você se sente feliz? Essa, Vinicius, é uma pergunta idiota, mas que eu gostaria que você respondesse.

– Se a felicidade existe, eu só sou feliz enquanto me queimo e quando a pessoa se queima não é feliz. A própria felicidade é dolorosa. (Idem).

A natureza desses questionamentos demonstra outro aspecto recorrente na abordagem da escritora em seus trabalhos dentro dessa esfera: a subjetividade. Ela leva o interlocutor a uma reflexão profunda e íntima sobre si mesmo, tocando em temas relacionados à felicidade, amor, solidão, concepções de vida, emoções e vontades. Desta forma, os entrevistados são “desafiados” a realizar uma introspecção pessoal, que muitas vezes é fruto de um processo reflexivo de Clarice sobre sua própria personalidade.

Ela induz o entrevistado a “olhar para dentro”, a aprofundar-se no próprio ser, exigindo um maior contato consigo mesmo. Se na maiêutica socrática a meta é atingir a verdade inata ao ser, as perguntas formuladas por ela, por sua vez, conduzem seu interlocutor a sua própria subjetividade, exigindo dele uma reflexão mais profunda sobre si próprio. Por meio do diálogo, alcança-se a “a terceira perna” (ROSSI, 2012).

A última entrevista desenvolvida pela autora foi em outubro de 1977 com a artista plástica Flora Morgan Snell e é peculiar no sentido de exibir uma situação

singular entre entrevistador e entrevistado. Nela, a interlocutora responde a todas as perguntas de maneira concisa e muito breve, fato que deixa a jornalista desconfortável e gera um clima de tensão em determinados momentos.

– Quando é que a senhora começou a pintar?

– Sempre pintei e desenhei.

– Em que países a senhora já fez exposição?

– No mundo inteiro.

(...)

– Com que pintores a senhora têm maior afinidade?

– Com nenhum. Sou muito individualista e minha pintura não se parece com nenhuma outra: Morgan Snell é Morgan Snell.

– Estava longe de mim insinuar qualquer plágio ou sequer influência; eu apenas me referia a afinidade. Por exemplo, eu, que não sou pintora, tenho afinidade com Chagall. Mas não tem importância. (LISPECTOR apud NUNES, 2012, p. 233).

Esse comportamento somado ao requinte do ambiente onde se deu a “conversa” conduz ao tom sarcástico do texto produzido pela romancista para descrever a entrevista. O encontro acabou sendo registrado como um mero resumo de perguntas e respostas, porém Clarice fez questão de demonstrar sua perplexidade diante da situação ao redigir o texto de introdução e conclusão.

Durante praticamente toda a entrevista [ela] não parou de sorrir. Estava vestida de gaze demasiadamente lilás, os lábios lilases, as faces lilases, e a sua cabeleira louríssima é muito, muito alta. Ofereceu-nos gentilmente um café. Mas foi lacônica nas respostas. (...) Deu-se então por encerrada a entrevista, pois as respostas eram tão sucintas (talvez por modéstia) que não me davam a chance de estabelecer o que se chama de diálogo caloroso... Eu já conheci muitos artistas (...) e posso afirmar que a Sra. Snell foi a única a me transmitir tal absoluta segurança em si mesma, sem sinal das dúvidas que ocorrem em quem cria arte. Deve ser muito gratificante ter tanta confiança na própria obra (LISPECTOR apud NUNES, 2012, p.232 e 234).

Essa descrição dada pela romancista e jornalista ilustra um traço característico de seu perfil como entrevistadora, mais acentuado nesse período: Dependendo do entrevistado, o tom da escritora no que diz respeito à condução e narração da entrevista

variava, podendo ser divertido, maternal ou simpático, mas semelhantemente indiferente, respeitoso, sarcástico ou até desconfiado, conforme explica Williams (2007). Nesse caso, a ironia foi predominante.

Conforme afirma Berger (apud MEDINA, 2008), a personalidade do entrevistador possui grande influência na qualidade da entrevista e “quão mais ‘importante’ for a do entrevistado (pelo critério de projeção social), mais pesa a personalidade do entrevistador” (MEDINA, 2008, p. 13). Além disso, para que seja desenvolvida uma entrevista rica em conteúdo e que alcance o nível da comunicação humana, é necessário que ela se molde pelo diálogo, segundo Medina (2008).

As entrevistas realizadas por Clarice Lispector se encaixam nesses conceitos. Elaboradas e conduzidas pela jornalista com sua personalidade peculiar e subjetiva, estas se transformavam quase sempre em diálogos únicos, que traziam a tona informações inéditas tanto do interlocutor quanto da entrevistadora, numa interação de troca. Afinal, como afirma Morin (apud MEDINA, 2008), “o diálogo é uma práxis, portanto, trata-se de restaurá-lo como prática humana” (MORIN apud MEDINA, 2008, p.11). “E por que não no jornalismo, cuja finalidade última é a comunicação?” (MEDINA, 2008, p. 11).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa exibida no presente artigo alcançou o seu objetivo de analisar as entrevistas elaboradas por Clarice a fim de compreender de que forma ela desenvolveu sua própria expressão no gênero, dentro de um contexto marcado pela presença de um modelo de jornalismo industrial que possui exigências quanto a objetividade e imparcialidade para a execução de suas atividades.

A hipótese de que a maior parte das entrevistas realizadas pela escritora – perfiladas nos anos 1970 - apresentava um caráter mais subjetivo, dialógico e livre em relação às regras do jornalismo industrial foi confirmada. Ela buscava constantemente o diálogo e, portanto, seguia apenas em parte as determinações jornalísticas básicas para a execução do gênero. A romancista procurava seguir a linha editorial do periódico, porém sem abdicar de seu jeito singular (e mais subjetivo) para o desenvolvimento das entrevistas.

Nesse sentido, é válido considerar ainda que a natureza do veículo no qual a escritora atuou também contribuiu para que suas entrevistas apresentassem tais características. A revista é um meio que já se diferencia do chamado jornalismo *hard news* por ter uma periodicidade com intervalos de tempo maiores entre uma publicação e outra, diagramação criativa e veicular conteúdos mais leves. E a *Fatos e Fotos/Gente* era um periódico que trazia em suas edições temas geralmente ligados ao âmbito artístico, literário, musical e, principalmente, televisivo.

Foi constatado que a produção de Clarice como entrevistadora ilustra a convergência existente entre a narrativa jornalística e a linguagem literária além de contribuir para a expansão dos contornos do jornalismo. A utilização de recursos literários na condução de suas entrevistas pode ser pensada no contexto da imprensa atual como uma alternativa válida para o desenvolvimento de abordagens mais originais nesse gênero, que priorizem o diálogo e consigam obter informações interessantes e até inesperadas dos interlocutores.

REFERÊNCIAS

BRASIL UBIRATAN. **Um apurado olhar de repórter**. Site do Estado de São Paulo, 17 de novembro 2012. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,um-apurado-olhar-de-reporter-imp-,961394>>. Acesso em 18 de outubro.

BULHÕES, Marcelo Magalhães. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CASTRO, Gustavo de e GALENO, Alex (Org.). **Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editora, 2002.

LISPECTOR, Clarice. **Clarice Lispector Entrevistas**. Claire Williams (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LONGUINHO, Daniella Ribeiro de Sousa. **A prática do diálogo possível: análise da narrativa jornalística em entrevistas**. Dissertação apresentada na Universidade de Brasília em 2014. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17844/1/2014_DaniellaRibeirodeSousaLonguinho.pdf>. Acesso em: 27 de outubro.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista: O diálogo possível**. São Paulo: Ática, 2008.

NUNES, Aparecida Maria. **Clarice na cabeceira – Jornalismo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

NUNES, Aparecida Maria. **Clarice Lispector jornalista: páginas femininas & outras páginas**. São Paulo: Senac, 2006.

ROSSI, Vera Saad. **Clarice da boca pra fora**. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2012/12/clarice-da-boca-pra-fora/>> Acesso em: 23 de outubro.